

Epistemologia e Feminismo

Priscila Williams

Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Licencianda em Sociologia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR.

Contato:

priscilawilliams@gmail.com

Palavras-chaves:

Ciência, Epistemologia, Epistemologia Feminista.

Keywords:

Science, Epistemology, Feminist Epistemology.

Resumo: O presente artigo busca compreender o entendimento de ciência e quais são seus limites. Além disso, apresenta um olhar feminista sobre a ciência, apresentando outra forma de validar o conhecimento através da Epistemologia Feminista.

Abstract: The present article seeks to understand the understanding of science and its limits. In addition, it presents a feminist view of science, presenting another way of validating knowledge through Feminist Epistemology.

Introdução

A busca por uma ordem e pelo controle do conhecimento é o objetivo maior da ciência. A epistemologia vai então analisar essas buscas, seus avanços e seus limites, trabalhando mais intimamente com a filosofia da ciência do que com os métodos científicos, sendo muitas vezes crítica aos caminhos percorridos e recomendados pela ciência canônica.

A epistemologia feminista, por outro lado, busca ampliar ainda mais essa crítica à ciência canônica, feita por homens, a partir do ponto de vista que lhe é peculiar e com suas definições do que é ou não relevante e importante o bastante para ser chamado de científico, incluindo a perspectiva de grupos subalternos, como as mulheres.

Este artigo busca compreender as condições de operar dentro do fazer ciência com seu *modus operandi* próprio e as críticas e propostas da epistemologia feminista para uma ciência plural e inclusiva. No subitem "Epistemologia", veremos um apanhado geral do que a ciência canônica tem feito e nos mostrado como reconhecidamente científico. Em seguida, no subitem "Epistemologia Feminista", apresentamos o que é chamado de epistemologia feminista, com algumas de suas nuances, possibilidades e críticas. Veremos também algumas vertentes estudadas pela epistemologia feminista. Por fim, as considerações finais.

Epistemologia

A ciência faz parte do cotidiano das pessoas desde a modernidade, entrando nos lares e nas vidas das pessoas por meio de suas tecnologias. A grande importância de estudarmos a ciência é que ela passou a ser o instrumento de medição das condições ideais de vida das pessoas. A epistemologia, como estudo da ciência, como teoria do conhecimento, pondera acerca da produção do saber científico e de sua validade enquanto ciência, numa perspectiva filosófica.

De acordo com Tesser (1994, p. 92),

"A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico. O conhecimento científico é provisório,

jamaís acabado ou definitivo. É sempre tributário de um pano de fundo ideológico, religioso, econômico, político e histórico. Podemos considerar a epistemologia como o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. A epistemologia é o estudo do conhecimento".

A metodologia científica requer procedimentos ordenados, metódicos, lógicos, eficazes. Podemos, então, enumerar algumas características principais dos princípios científicos nas ciências humanas: racional, objetiva, factual, transcendente aos fatos, analítica, clara e precisa, comunicável, verificável, dependente de investigação metódica, sistemática, acumulativa, falível, geral, explicativa, preditiva, aberta e útil (LAKATOS & MARCONI, 1992).

A ciência, como defendida por Rubem Alves (1981, p. 9), "é uma especialização, um refinamento de potenciais comum a todos", não sendo possível afirmar que uma pessoa seja mais capaz para a ciência, e sim que há pessoas treinadas para serem cientistas. A ciência não é algo novo no conhecimento humano. Pelo contrário, a ciência é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isso pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão de profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos (ALVES, 1981). Nesse sentido, a utilidade da epistemologia da ciência, segundo Tesser (1994), está na possibilidade de distinção entre ciência e pseudociência e de criticar programas e modos, a fim de incrementar enfoques e resultados. "A epistemologia aborda problemas lógicos, problemas semânticos, problemas gnosiológicos, problemas metodológicos, problemas ontológicos, problemas axiológicos, problemas éticos, problemas estéticos e problemas pedagógicos" (TESSER, 1994, p. 96).

Dentro das Ciências Sociais, buscar a compreensão do funcionamento da nossa sociedade e das políticas é o que a movimenta de modo incessante. E a ciência existe e busca aprimoramentos intencionando sermos capazes de prever o mundo e suas instituições em sua ordem, ordem essa que possibilita previsões. A ciência, tal como conhecemos na contemporaneidade, é herdeira e fundamentada no empiricismo

e no positivismo. Entretanto, as ciências sociais não necessariamente conseguem operar dentro do empiricismo, pois a sua base de estudos são pessoas com livre arbítrio, com relações formadas por valores sociais e culturais (ALVES, 1981; TESSER, 1994).

O problema dos valores científicos de objetividade e neutralidade herdados pelas ciências sociais das ciências exatas e biológicas é que pesquisas são feitas por cientistas que carregam consigo valores e crenças prévias, o que acarreta em perceber (ou não) determinados problemas e situações. Rubem Alves (1981) argumenta que, somente com a observação do mundo, Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e Einstein não teriam feito tantas descobertas que revolucionaram o conhecimento de seu tempo. Eles conseguiram suas

descobertas porque usaram imaginação, criatividade, intuição, construindo teorias e conhecimento. O uso da imaginação está intimamente ligado à bagagem de vida, tanto intelectual, moral, das preferências, das emoções, dos valores que essa pessoa traz consigo. Eis que surge o nó da ciência, nem sempre admitido pelos cientistas: se as descobertas e as transformações possibilitadas pela ciência dependem da imaginação/intuição dos cientistas, essa ciência não pode, ou não deveria ser tratada como neutra.

O mundo humano se organiza em torno de desejos. E aqui temos o ponto central de nossa grandeza e miséria. Porque é do desejo que surge a música, a literatura, a pintura, a religião, a ciência e tudo o que se poderia denominar criatividade. Mas é também do



Ingrid Sá Lee

desejo que surgem as ilusões e os preconceitos. Essa é a razão por que a ciência, desde os seus primórdios, tratou de inventar métodos para impedir que os desejos pervertessem o conhecimento objetivo da realidade (ALVES, 1981).

Não há como nos despirmos por completo de nossas crenças e valores, mesmo usando métodos científicos. Criamos teorias científicas que se pretendem universais, muitas vezes de modo preconceituoso, excludente, segregador porque usamos a nossa imaginação impregnada de valores pessoais e emocionais.

Do mesmo modo como não podemos/devemos afirmar sobre a neutralidade da ciência, não podemos/devemos reduzi-la a um único modelo de fazer ciência, pois cada área do conhecimento pode ser analisada pelo que é, com suas próprias sutilezas e peculiaridades (CHALMERS, 1993). Dessa forma, segundo Alan Chalmers (1993), não há necessidade de uma categoria geral que seja definida ciência em detrimento de outras, pois cada área tem seu mérito, e acordo com

seus objetivos, peculiaridades e contexto. A ciência atualmente tem um papel vertebrador na industrialização, organizando e racionalizando os processos produtivos. A epistemologia não intenciona negar a importância da ciência no desenvolvimento do mundo moderno/pós-moderno, mas de mostrar que este é um saber interessado, não neutro, que trabalha para o poder, para a manipulação e para a legitimação daqueles que dominam o conhecimento (TESSER, 1994).

Epistemologia feminista

O termo "Epistemologia Feminista" marca uma aliança entre filosofia e feminismo, aliança muitas vezes contraditória e difícil entre o concreto e o universal (ALCOFF & POTTER, 1993). As feministas que se ocupam desta tarefa buscam acrescentar reflexões e alternativas para uma ciência mais inclusiva, evidenciando que caracterizar o conhecimento científico como superior invisibiliza as/os subalternas/os, tais

1 Segundo Piscitelli (2008), "a proposta de trabalho com essas categorias [de forma interseccional] é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades" (p. 266). Ou seja: trabalhar com uma perspectiva interseccional é, em primeiro lugar, não mais tentar apreender ou analisar a realidade através de um ou outro conceito isoladamente, como é o que se tentava fazer a partir do conceito de gênero, mas observando de que modo essas categorias sobrepostas interferem na vida dos grupos subalternos, pensando as categorias de classificação dos sujeitos de forma relacional e articulada.

como as mulheres, as/os negras/os, as/os pobres, etc. A intensão primeira das feministas é fazer a ciência mais acessível, capaz de incorporar mais grupos, passando a considerar as particularidades, os paradoxos, as contingências que fazem parte do grande e plural grupo humano. Não podemos falar em um único tipo de epistemologia feminista, assim como não podemos falar em um só feminismo, afinal, as mulheres são muitas e suas necessidades e especificidades, também. Desta forma, podemos observar que as epistemologias feministas estão em permanente diálogo com várias tradições da ciência. Da mesma forma que esses diálogos são multivocais. Linda Alcoff e Elizabeth Potter (1993) entendem que essa interlocução seja saudável e não acreditam que esse envolvimento das feministas com as correntes epistêmicas canônicas sejam um instrumento de cooptação das mulheres.

A importância do estudo epistemológico feminista se mostra com a explicação de Rorhlich-Leavitt et al apud Marilyn Strathern (2014, p. 83):

"Como mulheres numa sociedade que também é sexista, Kaberry e Goodale têm a sensibilidade especial que os membros dos grupos subordinados devem desenvolver, se quiserem sobreviver, para com aqueles que os controlam, ao mesmo tempo que estão plenamente conscientes da realidade cotidiana de sua opressão, uma qualidade que falta aos grupos de posição superior."

Isso quer dizer, segundo Strathern (2014), que a posição de subalternidade das mulheres dentro do meio científico lhes dá a capacidade de observar o modo como a ciência é feita por um ponto de vista distinto dos homens, percebendo nuances e vieses que enriquecem a própria ciência na medida em que são capazes de apresentar outro modo de pensar e de perceber o mundo.

"Adotar uma perspectiva feminina é ao mesmo tempo perceber um domínio semelhante a uma subcultura [...] e ver que o ponto de vista de uma mulher [...] forma uma orientação distinta [...]. Tal esforço pode rumar para uma reorientação completa de toda a disciplina – e as sociedades deverão ser vistas como criações dos homens e das mulheres" (STRATHERN, 2014, p. 84, grifo no original).

De acordo com Linda Alcoff e Elizabeth Potter (1993), os feminismos que compõem essa nova corrente do conhecimento epistemológico buscam, cada uma sob sua perspectiva, reconstruir a ciência, de forma crítica, sólida e autoconsciente. "Uma vez que reconhecemos que os valores, a política e o conhecimento estão intrinsecamente ligados, as hierarquias e divisões dentro da filosofia serão substituídas por modelos mais holísticos e coerentes" (ALCOFF & POTTER, 1993, p. 3). Uma das grandes defesas das epistemolo-

gias feministas apontadas por Alcoff e Potter (1993) é que a autoridade cognitiva atravessa não somente o gênero, mas também raça, classe social, sexualidade, cultura e idade; dessa forma, uma das marcas da teoria feminista é a de contextualizar o conteúdo que se analisa. Isso justifica o porquê gênero não deve ser analisado isoladamente, dadas as complexidades dessas interseccionalidades¹. Se o feminismo tem por objetivo a libertação das mulheres do patriarcado e da opressão, deve também marcar as diversas categorias que oprimem as pessoas, especialmente as mulheres, todas as mulheres.

A busca das teóricas feministas por meio da crítica à ciência canônica é tornar a ciência uma "ciência melhor", objetiva, abrangente, independente de sexo, efetivamente mais acessível às mulheres (KELLER, 2006). Evelyn Fox Keller (2006) acredita que houve mudança em relação à condição da mulher na ciência, e em relação à própria ciência, ainda que não tenha sido da maneira ampla como gostaríamos. "O feminismo contemporâneo mudou a posição das mulheres na ciência. Ainda que não possamos afirmar igualdade plena, [...] testemunhamos uma impressionante transformação ao longo das últimas três décadas" (KELLER, 2006, p. 16).

A epistemologia feminista acrescenta à própria epistemologia outras concepções de saber e de construção do saber, a partir de críticas às pesquisas e às suas justificativas (ANDERSON, 2015), mostrando as diversas desvantagens do lugar da mulher e de outros grupos subalternos na ciência e no mundo. Os pontos apontados como falhos na construção do conhecimento canônico estão na crítica à metodologia e nas crenças de neutralidade e de objetividade. A inserção das mulheres nas ciências nos mostrou que outras possibilidades e *insights* são possíveis a partir da percepção das mulheres, com suas próprias percepções de mundo, dando destaque à luta feminista no campo da ciência; teorias são construídas de modo a conseguir igualdade e libertação dos grupos subalternos; e a defesa das feministas de que os ganhos são sociais e cognitivos (ANDERSON, 2015). "A tese central da epistemologia feminista é a de que o cientista tem um *background* e fala de algum lugar: o conhecimento que ele produz reflete suas percepções particulares de mundo" (ANDERSON, 2015, tradução nossa), de modo que não há neutralidade no conhecimento produzido por cientistas, mas um comportamento guiado pela influência social na qual se está imerso.

O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido. O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos com (pelo menos) visão dupla. O feminismo tem a ver com uma visão crítica, conseqüente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero. A "tradução é sempre interpretativa, crítica e parcial"

(HARAWAY, 1995, p. 32).

A crítica feminista à ciência, segundo Margareth Rago, enfatiza seu "caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença" (RAGO, 1998, p. 4). A partir disso, a crítica feminista destaca as relações de poder na construção do saber, com uma autocrítica que passa pelo reconhecimento do lugar que ocupamos no mundo. O mundo tem um sentido e cada pessoa produz um sentido sobre o mundo, sobre o que conhece e sobre o conhecimento que produz; e a epistemologia feminista tem o compromisso com a transformação do mundo e de todas as interseccionalidades.

"As teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas" (RAGO, 1998, p. 6).

Desta forma, a epistemologia feminista busca suggestionar outras concepções de saber, do objeto do saber, das práticas e das justificativas das pesquisas, de modo a retirar as mulheres e outros grupos subalternos da desvantagem (ANDERSON, 2015). As desvantagens são apontadas por Elizabeth Anderson (2015) na Enciclopédia de Filosofia da Universidade de Stanford²: a exclusão das mulheres das pesquisas e a negação da autoridade epistêmica das mulheres; o descrédito à forma feminina de produção de conhecimento; a produção de conhecimentos que representam as mulheres como inferiores, servindo para enaltecer os homens; a produção de conhecimento que torna invisíveis as mulheres e outros grupos subalternizados; a elaboração de conhecimento e tecnologia como se esses não fossem ser usados por pessoas em posição de subordinação.

Alguns aspectos das críticas feministas à ciência e à produção do conhecimento são apontados por Elizabeth Anderson no Dicionário de Filosofia (2015). O primeiro deles é que o conhecimento é situado. Quem produz ciência e compreensão do mundo o faz de um determinado lugar. É o que ela chama de "conhecimento situado", por meio da personificação do conhecimento a partir da sua experiência de mundo, dando importância a uns pontos e não a outros. Essa personificação é fortemente influenciada pelo gênero, pela classe, pela cor da pele, pelos valores morais que o cientista carrega consigo.

A esse respeito também podemos encontrar suporte no texto de Donna Haraway (1995). Encontramos nos dois textos a defesa da parcialidade do conhecimento feito por meio de uma única perspectiva e do lugar de privilégio conferido a quem tem o poder e a legitimidade na construção do conhecimento cien-

tífico: a construção do conhecimento é contingente e histórico; "a objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados" (HARAWAY, 1995, p. 18).

A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo, "podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver" (HARAWAY, 1995, p. 21).

Haraway (1995) não defende o relativismo, em contraposição à objetividade, mas o reconhecimento de que os saberes são parciais, contingentes, possíveis de críticas, sujeitos a práticas, privilegiando a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e o reconhecimento dos sistemas de conhecimento em pontos de vista parciais.

Algumas correntes de saber a partir da Epistemologia Feminista

Elizabeth Anderson (2015) nos evidencia algumas correntes teóricas na epistemologia feminista: a Teoria Feminista do Ponto de Vista, o pós-modernismo feminista e o feminismo empiricista.

Teoria Feminista do Ponto de Vista (Standpoint Theory)

A epistemologia do ponto de vista em geral busca a compreensão do mundo de uma situação social com uma perspectiva específica. Essa epistemologia critica alguns pontos em particular: (1) a localização social da perspectiva privilegiada; (2) o alcance desse privilégio (quais questões importam); (3) a localização social que gera um conhecimento superior, como por exemplo o papel social e a identidade subjetiva; (4) a área do conhecimento ou tema de discussão que gera esse privilégio: o que faz uns assuntos serem mais importantes que outros; (5) o tipo de superioridade epistêmica que define uma maior precisão ou uma maior capacidade de representar verdades fundamentais; (6) as outras perspectivas em relação ao que afirma a superioridade epistêmica; e (7) uma avaliação de como os modos de acesso a essa perspectiva acessam o local social serem bons o bastante para terem acesso a essa perspectiva.

A teoria feminista do ponto de vista tem áreas de conhecimento que lhes são caras, muitas delas

² Site disponibilizado online em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>

podendo ser observadas a partir da epistemologia marxista. Anderson (2015) aponta algumas delas: (1) centralidade: as mulheres são centrais no sistema reprodutivo da sociedade, cuidando das crianças e do ambiente doméstico, e este trabalho é fundamental para o sistema de produção capitalista. Elas estão numa melhor posição para ver como o patriarcado não consegue sanar as necessidades das pessoas; (2) autoconsciência coletiva: a dominação masculina é baseada na objetificação dos corpos das mulheres, muitas vezes de forma mística, acreditando (e fazendo-se acreditar) que as mulheres são naturalmente subordinadas a eles a partir do entendimento de "natureza feminina"; (3) o estilo cognitivo: algumas versões iniciais da teoria feminista do ponto de vista defendem que o desenvolvimento de características tipicamente femininas e masculinas na educação de crianças criam estilos cognitivos distintos, que serão reforçados com o mercado de trabalho, já na vida adulta, para homens e mulheres. As teóricas dessa corrente afirmam que o estilo cognitivo feminino é superior porque elimina a dicotomia entre o sujeito e o objeto do conhecimento e porque uma ética do cuidado é superior a uma ética de dominação. Para institucionalizar o estilo feminino do saber é necessária a superação da divisão do mental, manual e trabalho social, característicos do patriarcado capitalista; (4) opressão: as mulheres são oprimidas e os homens, por causa do seu privilégio, não se dão conta do quanto suas ações no mundo afetam e sobrecarregam as mulheres. A ideia do apontamento da opressão, as teóricas feministas buscam identificar a multiplicidade de ações dos homens que subjagam as mulheres a partir do lugar de privilégio ocupado por eles.

A teoria feminista do ponto de vista é um tipo de teoria crítica, nos moldes da Escola de Frankfurt, que busca o empoderamento das mulheres e a melhoria de sua situação. As principais críticas apontadas por Elizabeth Anderson (2015) giram em torno destas ideias: (1) Longino apud Anderson (2015) acredita que a teoria do ponto de vista não é capaz de pensar numa lógica não circular para decidir qual ponto de vista tem privilégio epistêmico; (2) Bar On apud Anderson (2015) é contra a ideia de privilégio epistêmico conferido às mulheres por meio de seus estilos cognitivos. As mulheres não podem ter compreensão de sua opressão porque esse processo se dá de maneiras distintas para cada mulher, dependendo de sua raça, classe social, orientação sexual

O pós-modernismo feminista

O tema geral da teoria pós-moderna é originário do pós-estruturalismo francês e de teóricos pós-modernistas como Foucault, Lacan e Derrida. Essa vertente do conhecimento encarna uma sensibilidade cética ao universalismo, à totalidade, à objetividade, à racionalidade, a uma verdade última, salientando a

localidade, a parcialidade, a contingência, a instabilidade e a incerteza dos modos de pensar e da própria ciência, abrindo possibilidades de investigação e de entendimento. Os pós-modernistas trabalham com a linguagem e com o pensamento, afirmando que a realidade é discursivamente construída. A ideia de a linguagem ser reflexiva e não meramente um campo discursivo permite aos pós-modernistas acreditar que as ações das pessoas também acontecem reflexivamente. A partir disso vemos discursos de controle sobre os corpos, especialmente das pessoas consideradas subalternas, como as mulheres, domesticando-os (ANDERSON, 2015).

A visão do pós-modernismo feminista trata de lutar contra práticas notadamente sexistas, ideologias que afirmam que as diferenças observadas entre homens e mulheres são naturais e necessárias e que há na essência das mulheres algo que justifique sua submissão ao homem. O pós-modernismo tem se voltado também para críticas às próprias feministas, expondo as tendências de exclusão dentro do próprio movimento feminista. As negras e as lésbicas argumentam que as teorias feministas tradicionais têm esquecido dos seus problemas, necessidades e perspectivas; e o pós-modernismo feminista tem trabalhado muito em resposta a essas críticas, propondo e produzindo teorias a partir da crítica ao conceito de "mulher", tema central da teoria feminista (ANDERSON, 2015).

Essas críticas seguiram especialmente as teorias de gênero e do patriarcado, tratados como universais, a-históricos, causas ou constituições da identidade de gênero. O essencialismo afirma que uma coisa tem uma causa, uma essência e o que se prova em fatos são normas o que não são considerados desvios, teorizando em torno do que seja "mulher de verdade", desconsiderando as interseccionalidades das identidades de gênero, raça, classe e orientação sexual, gerando desigualdades sociais. As teóricas feministas pós-modernistas acreditam que as reivindicações de universalidade acerca do significado de mulher, gênero e patriarcado devam ser evitadas; também se deve evitar encontrar uma única perspectiva epistemológica privilegiada, a fim de reconhecer a pluralidade e a contingência desses conceitos (ANDERSON, 2015).

As maiores críticas que as feministas pós-modernas recebem dentro da teoria feminista giram em torno da categoria de análise "mulher" e da fragmentação infinita de perspectivas. A primeira, porque o fato de as mulheres terem experiências próprias de opressão não implica que elas nada tenham em comum: elas ainda sofrem sexismo. A segunda, porque entender a intersetorialidade/interseccionalidade como uma infinidade de perspectivas pode dissolver a importância de se analisar as múltiplas formas de opressão sofridas pelas mulheres. Ainda assim, a corrente filosófica feminista pós-moderna é importantíssima pois, é por meio dela que as feministas reco-

nhecem que a pluralidade de conhecimentos situados advém da diferenciação social (ANDERSON, 2015).

Feminismo empiricista

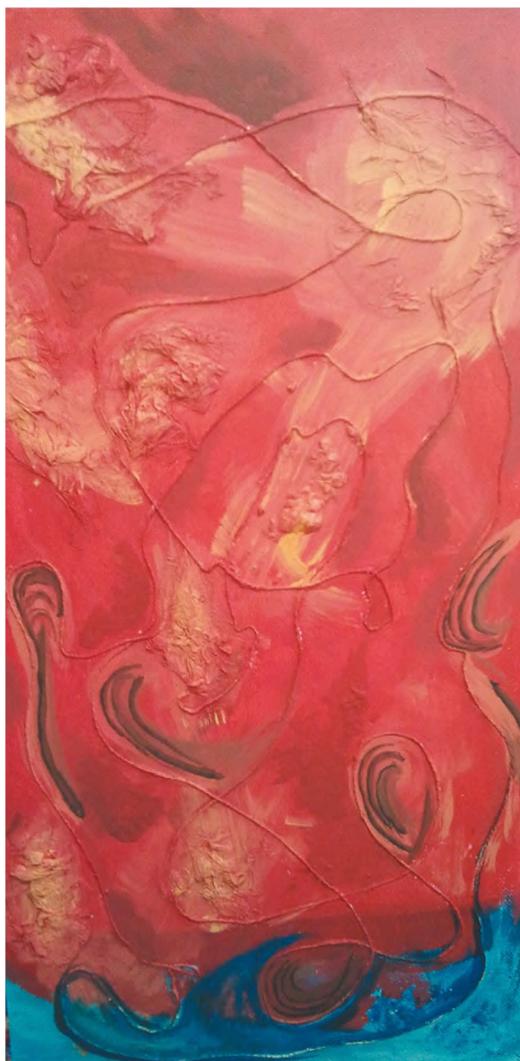
Já o feminismo empiricista tem relações bem próximas ao empirismo em geral. Empirismo é a crença de que a experiência empírica é o único (ou principal) caminho que justifique o conhecimento. Fatos e valores estão separados com clareza para os empiricistas mais críticos. Para as feministas empiricistas, essa separação é descabida, impossível, defendendo o papel do juízo de valor na investigação empírica. Empiricistas feministas estão preocupadas com o impacto das práticas sociais desiguais (quanto a gênero, raça, classe, orientação sexual) na investigação científica. Os problemas dessa corrente teórica podem aparecer em dois paradoxos. O primeiro diz respeito à exposição dos preconceitos androcêntricos e sexistas dos estudos científicos, especialmente nas pesquisas de gênero. As feministas recomendam que se usem certos preconceitos para melhorarem a investigação, o que resulta em um paradoxo de viés. O segundo paradoxo diz respeito à crítica das mulheres em relação às influências políticas e sexistas nas pesquisas científicas. A solução, segundo as feministas, seria os investigadores buscarem práticas científicas permeáveis às diferentes influências sociais, o que tem sido chamado de paradoxo da construção social (ANDERSON, 2015).

As feministas empiricistas defendem-se dizendo que nem todo viés é ruim, desde que explicitado. A crítica a essa corrente filosófica acontece especialmente pelas feministas pós modernistas em torno da falta de historicidade do sujeito, da crença da possibilidade de analisar um sujeito sem considerar o contexto e também em não aceitar que apenas a eliminação do viés sexista faça a crítica feminista aos métodos científicos (ANDERSON, 2015).

Críticas à Epistemologia Feminista

Elizabeth Anderson (2015)³ mostra que as críticas à epistemologia feminista giram em torno da descrença de que ela corrompe a busca da verdade, misturando fatos e valores, impondo restrições políticas e conclusões. As feministas são acusadas de cinismo corrosivo à ciência, acusando a ciência de imposição do poder patriarcal e do poder imperialista (ANDERSON, 2015). Elas também são acusadas de sustentarem que não existem normas objetivas verdadeiras e que as crenças são orientadas pela disputa pelo poder político; por conta disso, elas poderiam impor suas crenças sobre as outras a partir desse jogo cínico. As defensoras da epistemologia feminista dizem que essa compreensão está baseada em leituras equivocadas do modo de investigação feminista, já que as feministas não rejeitam a objetividade nem a ciência.

A intenção das feministas é melhorar a ciência, corrigindo preconceitos sexistas e racistas, buscando uma investigação que seja capaz de abarcar todos os pontos de vista. O que as feministas apontam é que a ciência como praticada atualmente oferece um modo parcial de ver o mundo, sendo orientada para a descoberta de verdades que servem a alguns interesses humanos, mantendo as hierarquias sociais atuais. Anderson (2015) nos mostra que a epistemologia feminista busca normas democráticas e igualitárias para a autoridade cognitiva, juntamente com a abertura da



Thâmara Carvalho

ciência às críticas, ao mesmo tempo em que a censura de provas, argumentos e conclusões por motivos políticos é um modo incompatível com a ciência e com os valores feministas.

Anderson (2015) ainda mostra um segundo ponto de crítica à epistemologia feminista: o aceite das feministas de estereótipos tradicionalmente femininos de modo acrítico, tais como o comportamento intuitivo, holístico e emocional. O fato é que nem existe uma crença geral entre as mulheres de que exista um pensamento feminino e nem todas as mulheres pensam em conformidade com estilos cognitivos femininos.

³ A explicação das correntes teóricas nesta sessão foi elaborada a partir do texto de Elizabeth Anderson para a Enciclopédia Filosófica da Universidade de Stanford (<http://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>)

Mesmo porquê, a valorização de modos “femininos” de pensamento e, por que não, de construção do saber, podem servir de armadilha para as próprias mulheres, colocando-as em papéis tradicionais e justificando o patriarcado, criando um gueto para a epistemologia feminista.

A defesa das feministas, segundo Anderson (2015), afirma que os críticos estão com uma versão obsoleta da epistemologia feminista, usada em seus primórdios de forma muito breve, sendo substituída em decorrência das razões que os críticos mencionam, além das críticas feitas pelas feministas negras, latinas, africanas do pós-modernismo feminista. As feministas aguardam e desejam o aprofundamento das leituras dos críticos acerca de seus escritos para um efetivo desenvolvimento da ciência.

Considerações finais

O texto apresentou a importância do estudo da ciência como tem sido feito na atualidade, mostrando como o modo como vivemos é norteado pela ciência

e pelo seu entendimento de certo ou errado, do que deve ou não ser valorizado. Compreender a realidade da ciência, reconhecê-la como parcial, como um instrumento dos jogos de poder é fundamental para que sejamos capazes de recriá-la de modo mais inclusivo, mais plural, mais democrático. Rubem Alves (1981) afirma há avanços na ciência quando seus modelos são questionados por meio das anormalidades que apresentam.

A epistemologia feminista aponta outra forma de fazer ciência, para além do modelo apresentado canonicamente, de modo mais inclusivo e democrático. Isso porque a multiplicidade da nossa sociedade é plural em sentidos e em significados. Para isso, a epistemologia feminista nos apresentou as correntes teóricas Teoria Feminista do Ponto de Vista, do Pós-Modernismo Feminista e do Feminismo Empiricista. Essas correntes teóricas apresentadas na epistemologia feminista mostram, para além da teoria que apresentam, a importância da interseccionalidade nos estudos científicos para que estes sejam de fato incluídos, e não parciais.

Referências Bibliográficas

- ALCOFF, Linda Martín & POTTER, Elizabeth. (1993), "Introduction", In *Feminist Epistemologies*, New York: Routledge.
- ALVES, Rubem. (1981), *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*, Ed. Brasiliense. São Paulo.
- ANDERSON, Elizabeth. (2015), *Feminist Epistemology and Philosophy of Science*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/>. Acessado em 06/04/2016.
- CHALMERS, Alan F. (1993), *O que é ciência afinal?*, Ed. Brasiliense. São Paulo.
- FOX KELLER, Evelyn. (2006), "Qual foi o impacto do feminismo na ciência?", In *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: p.13-34.
- HARAWAY, Donna. (1995), "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", In *Cadernos Pagu* (5), p. 07-41
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. (1992), *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. 2. ed. São Paulo: Atlas. 249 p.
- PISCITELLI, Adriana (2008). "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras", In *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, jul/dez. p. 263-274.
- RAGO, Margaret. (1998), "Epistemologia feminista, gênero e história", In PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres. Disponível em: <http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf>. Acessado em: 30 de jun de 2016.
- STRATHERN, Marilyn (2014), *O Efeito Etnográfico*. São Paulo, Cosac Naify.
- TESSER, Gelson João. (1994), "Principais linhas epistemológicas contemporâneas". *Educar em Revista*. nº 10, Curitiba, jan-dez.

Recebido em: 28 de julho de 2016.

Aprovado em: 15 de maio de 2017.